

DÍVIDA EXTERNA

“O México já não precisa tomar dinheiro no mercado internacional”

por Beverly Peterson
da AP/Dow Jones

O México já não precisa tomar dinheiro emprestado no mercado internacional, porque a quantia de que necessita já pode ser inteiramente captada dentro do próprio país, informou o diretor-geral do Banco de México.

“Nossa política será de não usar capital estrangeiro em nenhuma quantia significativa”, declarou Miguel Mancera Aguayo em entrevista concedida ontem, em Basileia (ver página 10).

Mancera encontra-se na Suíça, participando da reunião anual do Banco para Compensação Internacional (BIS). O relatório anual da entidade, divulgado ontem, informava que o México reduziu dramaticamente sua dívida bancária no ano passado, em 22% ou US\$ 15 bilhões.

“Ao mesmo tempo”, informava o documento, “o México adicionou US\$ 3,4 bilhões ao seu saldo com os bancos, e, até o final do ano, o país devia apenas US\$ 29 bilhões, ou cerca de metade da cifra devida em 1985.”

No entanto, o Banco Central prevê pouca possibilidade de uma alteração ainda maior da situação do saldo da dívida externa pública do México.

“Devemos lembrar que o México está amortizando sua dívida externa, assim a dívida nova tem de ser administrada de forma a substituir a que vai vencendo, mas o saldo da dívida continua mais ou menos o mesmo.”

Mancera informou que, proporcionalmente ao PNB, a dívida externa está caindo, porque o PNB do México vem crescendo, e também por causa da inflação nos Estados Unidos e outros países.

“Um dólar de dívida passa a valer cada vez menos, sempre que o encaramos em termos reais, em termos de poder de compra.”

INFLAÇÃO

Assinalou que a taxa de inflação do México é hoje objeto de preocupação, em-

bora tenha caído dos 160% em 1987 para 29,9% em 1990, sendo projetada para 15% em 1991.

Mancera disse que para manter a inflação baixa será preciso manter as finanças públicas em boa forma, mantendo-se ao mesmo tempo uma política monetária prudente, “o que implica não expandir demasiadamente o crédito doméstico do Banco Central. E, em certas épocas, essa política monetária prudente pode exigir a diminuição real do que sobra do crédito interno do Banco Central, que é o que vimos fazendo há mais ou menos um ano e meio”.

O programa de reestruturação econômica do México promoveu uma ampla desregulamentação em determinados campos, como a indústria de caminhões. Mais recentemente, o governo interveio no setor portuário, reorganizando práticas sindicais no país, de forma que a pequena empresa também possa competir.

PRIVATIZAÇÃO

Nos últimos anos, a privatização também foi intensa no México, inclusive a da companhia telefônica, em dezembro, e, mais recentemente, a privatização do setor bancário.

“O primeiro leilão para privatização do primeiro banco ocorreu há uma semana, e esperamos que os outros 18 bancos restantes venham a ser privatizados nos próximos 12 meses”, explicou Mancera.

Desde 1982, o número de empresas públicas, no México, caiu de 1.155 para aproximadamente 280. E, nos últimos anos, também mudou a natureza das exportações mexicanas. Mancera explica: “Há cinco anos, dois terços de nossas exportações eram constituídos por óleo cru; hoje, 70% delas são de produtos não petrolíferos. Houve um crescimento enorme da exportação de manufaturados, decorrente da reestruturação, que tornou o mercado mais eficiente. Isso aumentou a competitividade de muitas indústrias mexicanas”.